

## IDENTIFICANDO ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA EM FONTES LITERÁRIAS: O EXEMPLO DO FIM DE ABU TAHIR, O CARMATA

Por Charifa Amharar\*



*Guerreiros árabes (Anthology of Heroes Podcast).*

*As atividades de inteligência estão muitas vezes implícitas em fontes históricas sem referência ao termo moderno “inteligência”; assim, como se pode concluir a ocorrência de tal atividade, sem que a própria fonte a mencione explicitamente?*

**E** escrever a história da inteligência antiga pode ser uma tarefa complicada por vários motivos. Entre elas está a falta de especialização no assunto por parte dos historiadores profissionais. Assim, quem não dominar os conceitos, métodos ou princípios próprios desse campo corre o risco de não detectar intervenções de inteligência nas fontes literárias. Esta ciência de governo, como Gérald Arboit a chama<sup>1</sup>, não pode ser reduzida apenas à espionagem, mas diz respeito a todas as atividades (pesquisa, aquisição, análise, proteção, disseminação) destinadas a levar informações ao conhecimento de um requerente<sup>2</sup>.

O que é informação? “A informação é um produto acabado, desenvolvido para responder a um pedido expresso. É o resultado da síntese da informação procurada, validada e interpretada, qualquer que seja a sua origem, secreta ou

<sup>1</sup> Gérald Arboit, “Le renseignement, dimension manquante de l’histoire contemporaine de la France », Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R), Rapport de recherche n° 9, março de 2013, p. 34, (<https://cf2r.org/recherche/le-renseignement-dimension-manquante-de-l-histoire-contemporaine-de-la-france/>)

<sup>2</sup> Charifa Amharar, “Le renseignement sous le règne de Saladin”, tese de Mestrado em História, Universidade de Rouen, 2010 (não publicada).

não”<sup>3</sup>. A informação permite que os tomadores de decisão tomem as medidas necessárias para realizar seus desejos. Quanto maior a necessidade de informações úteis para os tomadores de decisão, mais complexa é a organização necessária para produzi-las.

Quando o pedido vem de um chefe de Estado, e a inteligência é um dos alicerces do governo<sup>4</sup>, sua organização exige administração sólida, grande capacidade de discrição e confidencialidade, número suficiente de funcionários competentes em diversas áreas e muito dinheiro. Quem diz organização necessariamente diz administração, e as fontes literárias árabes estão repletas de informações sobre administrações relacionadas à inteligência, como as do *barid* (correio), a chancelaria ou a polícia.

A inteligência, tal como é entendida hoje, é dividida em várias categorias: inteligência doméstica, inteligência estrangeira e inteligência militar. Cada um desses três tipos de inteligência tem suas próprias atividades, propósitos e administrações. A espionagem é apenas uma das muitas atividades, além do reconhecimento, contraespionagem e vigilância da população, por exemplo. A palavra “inteligência” que engloba tudo isso não existe no árabe clássico. No entanto, apesar da ausência de uma única palavra para todas as atividades de inteligência, o que se entende pela palavra francesa<sup>5</sup> “inteligência” existia no Oriente Próximo medieval. O equivalente árabe moderno do termo francês é *Istihbar*. Significa literalmente “busca de informação”, o que se aproxima do que o coronel Jules Lewal descreveu, a saber: “o conjunto de processos pelos quais se obtém toda a informação de que se precisa deve, portanto, ser chamado de táticas de informação”<sup>6</sup>.

As fontes medievais ou antigas que mencionam o uso de espionagem, contraespionagem, desinformação, assassinatos seletivos, inteligência militar ou científica, embora distribuídas de forma desigual, são muito numerosas. No entanto, não surpreendentemente, a confidencialidade dos relatórios detalhados de inteligência os torna notavelmente ausentes das bibliotecas. Não é por falta de arquivamento desses relatos dos tempos medievais e antigos. Al Gaysari menciona, por exemplo, que com a morte de Harun al-Rasid, vários relatórios confidenciais não lidos foram armazenados e negligenciados nos arquivos do califado<sup>7</sup>. Em cada época, e isso quase sistematicamente, as fontes confidenciais pretendidas foram destruídas ou retiradas por seus autores ou destinatários por vários motivos. É certo que os *masalik wa mamalik*<sup>8</sup>, muitas vezes escritos com base em relatórios de inteligência, são muito úteis para se ter uma visão das

---

<sup>3</sup> Éric Denécé, “Les services secrets”, *E/P/A*, Paris, 2008, pp. 16-17.

<sup>4</sup> Sobre isso, veja Gérald Arboit, *op. cit.*

<sup>5</sup> Este artigo foi traduzido da versão em francês.

<sup>6</sup> Jules Lewal, “Études de guerre. Tactique des renseignements”, *L. Baudoin & Cie*, Paris, 1881, p. 2.

<sup>7</sup> Al Gaysari, *al Wizara wa l-kuttab [Les vizirs et les chanceliers]*, Mustafa al-babi al-halabi, Cairo, 1938, p. 265.

<sup>8</sup> *Manuais geográficos*. Ibn Hurdadbah, Ibn Hawqal e al Yaqubi, para citar alguns entre os autores de tais obras, eram agentes, como Ibn Hawqal, ou chefe de inteligência como Ibn Hurdadbah. Al Yaqubi, ele próprio um oficial da inteligência abássida, era descendente do chefe da inteligência do Egito, o famoso Wadih, que foi executado por ajudar Idris ibn Abdullah al Kamil – ancestral homônimo da dinastia Idríssida – a fugir para o Marrocos.

informações buscadas e coletadas pelos muçulmanos na Idade Média, mas infelizmente certos detalhes procurados pelos historiadores são muito raramente encontrados ali.

Entre as informações buscadas, encontram-se, por exemplo, detalhes sobre o que os especialistas hoje chamam de “ciclo da inteligência”<sup>9</sup>, ou seja, as diferentes etapas necessárias para se obter o produto acabado que é a inteligência, ou aquelas relativas à tomada de decisões com base na informação. Escusado será dizer que houve missões de inteligência não documentadas. Na época do Profeta, por exemplo, ordens e relatórios de missão provavelmente eram feitos apenas oralmente. Sua existência é conhecida por nós graças aos relatos dos agentes solicitados pelo Profeta, muitos dos quais estão registrados nos vários *sirahs*<sup>10</sup>. A utilização deste tipo de fonte é obviamente objeto de debate, mas não é este o assunto da nossa discussão.

As atividades de inteligência mencionadas nas fontes, sem qualquer referência à inteligência, sem palavras-chave do campo lexical que permitam ao historiador afirmar a existência de tal atividade, são inúmeras. Como então ele pode concluir que a inteligência interveio sem que a própria fonte a mencione explicitamente? Na realidade, apenas o resultado da sequência de ações específicas em um contexto muito específico, ou apenas o próprio evento, permite ao historiador de inteligência entender que houve atividade de inteligência.

Considere o exemplo de uma fonte literária que relata um grupo de pessoas sitiadas por um inimigo superior em número e meios. Então, contra todas as probabilidades, poucos dias antes de sua vitória, estranhos se juntam ao acampamento desse inimigo, conseguem ganhar sua confiança e acabam matando-o. Concluimos facilmente aqui que houve infiltração e assassinato dirigido, dois tipos bem conhecidos de atividade de inteligência. Saber detectar tais práticas requer, por um lado, um conhecimento suficiente do domínio da inteligência e seus vários métodos e técnicas, mas também um método científico ou sólida interpretação que permita detectar a inteligência nas atividades humanas descritas pelos antigos historiadores. Tanto quanto sabemos, tal método ainda não foi desenvolvido.

Propomos aqui trazer ao conhecimento do leitor um estudo de caso concreto, o de uma missão de inteligência não designada como tal nas fontes, nomeadamente a surpreendente queda de Abu Tahir al Gannabi, o carmata. Contra todas as expectativas, este religioso e general carmata tornou-se em poucos anos senhor da Arábia e ao mesmo tempo uma das maiores ameaças, senão a maior, que pesava sobre o califado abássida durante a primeira metade do século X. Enquanto ele devastava Basra e Kufa e tudo o que restava era tomar Bagdá, onde o califa al Muqtadir temia por seu trono, um evento veio perturbar tudo e a ameaça que ele representava desapareceu.

---

<sup>9</sup> Esse ciclo é composto por quatro etapas: orientação, coleta, tratamento e divulgação (cf. E. Denécé, *Les services secrets*, op. cit., p.14).

<sup>10</sup> *Biografia do Profeta*.

Primeiramente, estabeleceremos o contexto em que ocorreu a operação que deu origem à queda de Abu Tahir; depois explicaremos a interpretação que dela fizemos destacando os vários elementos que nos levam a crer que houve uma intervenção de inteligência *de facto*; então tentaremos determinar a origem desta missão de inteligência.

## CONTEXTO

No final do século IX, um líder ismaelita da Síria, no Império Abássida, chamado Abdullah ibn Maymun al Qaddah<sup>11</sup>, enviou um de seus pregadores, provavelmente seu filho al-Husayn<sup>12</sup>, a Kufa. Este pregador ismaelita ficou lá com um homem chamado Hamdan ibn al Asat e foi apelidado de Karmitah e depois Qarmat<sup>13</sup>. Vários significados foram dados a esse apelido. Aqueles geralmente citados nas fontes dizem que viria ou dos olhos vermelhos de Hamdan – porque “karmitah” significaria “olhos vermelhos” em nabateu –, ou da marcha de Hamdan que dava pequenos passos por causa de suas pernas curtas<sup>14</sup>. O pregador enviado por Ibn al Maymun iniciou Hamdan no ismaelismo e ensinou-lhe todos os seus mistérios. Este último rapidamente se tornou um pregador eficaz e juntos atraíram muitos discípulos. Hamdan sucedeu seu mestre após sua morte e tornou-se o grande *dai*<sup>15</sup> de Kufa, sob as ordens diretas do líder dos ismaelitas de Salamiyyah na Síria, que na época era Radi Abdullah<sup>16</sup>. Seus seguidores foram chamados por seus inimigos dos “Qarmatians”, *al Qaramitah* em árabe. A pregação de Hamdan foi muito eficaz e logo ele exigiu de seus discípulos uma contribuição financeira que chegava às vezes a sete dinares de ouro por pessoa<sup>17</sup>. Os fundos arrecadados foram enviados para Salamiyyah para fortalecer a pregação ismaelita.

Os homens de Hamdan eram totalmente submissos a ele e o consideravam sua única referência. Seu homem de confiança era seu cunhado Abdan, que estava encarregado do recrutamento, entre outras coisas. De fato, foi este último quem nomeou Abu Said al-Gannabi, pai de Abu Tahir, e Zikrawayh Ibn Mihrawayh, dois dos mais famosos carmatas, respectivamente *dai* da Pérsia e *dai* do Iraque. É importante especificar aqui que Abu Said, que era de origem persa, recebeu desde o início de sua missão o apoio da família Banu Sanbar, notadamente de al Husayn

---

<sup>11</sup> S. M. Stern, *Abdullah ibn Maymun*, em *Encyclopédie de l'Islam*, I, Brill, Paris, 1960, pp. 49-50. Sobre a pregação Ismaili Da'Wa, veja Abbas Hamdani, *Evolution of the Organizational Structure of the Fatimi Da'wah*, *Arabian Studies*, III, 1976, p. 86 ; assim como M. Canard, *Encyclopédie de l'Islam*, 2ª edição, II, Brill, Paris, pp. 168-170.

<sup>12</sup> Cf. relação do *Fihrist* de Ibn Nadim citado em De Goeje, “*Mémoire sur les Carmaths du Bahrein et les Fatimides*”, Brill, Leyde, 1886, p. 17.

<sup>13</sup> Tabari, *Tarih al-rusul wa l-muluk [Histoire des prophètes et des rois] X, Dar at-turaṭ, Beirute, 1967, p. 63*; W. Madelung, *Karmati*, em *Encyclopédie de l'Islam*, V, Brill, Paris, 1960, pp. 687-69.

<sup>14</sup> *Idem*; J.-F. Michaud, *Biographie Universelle*, VI, Chez Madame C. Desplaces, Paris, 1854, p. 163.

<sup>15</sup> *Missionário, religioso.*

<sup>16</sup> Ubaydallah, presumivelmente descendente de Abdullah ibn Maymun, tornou-se líder dos ismaelitas por volta de 893.

<sup>17</sup> De Goeje, *op. cit.*, p. 28.

Ibn Sanbar, Ali ibn Sanbar e Hamdan Ibn Sanbar<sup>18</sup>. Ele também era casado com a filha de um homem muito influente: Al Hasan ibn Sanbar<sup>19</sup>.

Na crença ismaelita, seu líder era o representante (visível) do Imam oculto<sup>20</sup>. Por volta de 893, com a morte do líder ismaelita Radi Abdullah, seu sucessor Ubaydallah, o futuro primeiro califa fatímida, não inspirou confiança em Hamdan, que enviou Abdan para investigá-lo. Voltando a Hamdan, ele disse a ele que seu grupo agora estava nas mãos de pessoas corruptas e sedentas de poder. Foi nessa época que ocorreu a divisão entre os ismaelitas e os seguidores do Hamdan Qarmat. Em suas Memórias sobre os Carmaths do Bahrein e dos Fatímidas, De Goeje<sup>21</sup>, baseando-se nos relatos de Ibn Hawqal e Nuwayri, afirma que Ubaydallah, um mestre ismaelita da época, foi para a Tunísia, onde afirmou ser o Imam oculto. Hamdan ouviu sobre esse boato do suposto Imam escondido na África e quis saber com certeza indo para a Tunísia com seu discípulo Abdan. Uma vez lá, eles se juntaram à multidão reunida em torno do homem que afirmava ser o tão esperado Imam dos ismaelitas.

Hamdan conseguiu chegar perto o suficiente para perceber que, na realidade, o Imam em questão era ninguém menos que Ubaydallah; sua decepção foi muito grande. Assim, ele entendeu a impostura e questionou completamente todos os ensinamentos ismaelitas. Hamdan e Abdan, totalmente desiludidos, decidiram abandonar o ismaelita e se converter ao sunismo. Hamdan teria sido assassinado no caminho de volta ao Iraque onde pretendia expor a todos os seus seguidores a impostura de Ubaydallah. Abdan foi assassinado um pouco mais tarde.

Aparentemente sem saber desses eventos, os homens de Hamdan, bem como os de seus vários missionários, continuaram a pregar e cresceram em número. Devido à magnitude do movimento, eles rapidamente tentaram revoltas armadas. No entanto, o califa al Mutadid foi implacável com os carmatas. Sob seu governo, alguns chefes carmatas tiveram que viver escondidos. Arib relata o testemunho de um homem presente durante um interrogatório de prisioneiros carmatas conduzido pelo governador abássida Muhammad ibn Dawud ibn al Jarrah. Um deles disse ao governador que Zikrawayh viveu escondido em sua casa durante a vida de al Mutadid. Ele disse: “Havíamos providenciado para ele um porão subterrâneo fechado por uma porta de ferro. Tínhamos um forno e quando vinha alguém procurá-lo, colocávamos o forno sobre a porta no chão e uma mulher o aquecia”. Zikrawayh viveu assim por quatro anos até se mudar para outra casa especialmente preparada para ele. Este prisioneiro diz: “Tínhamos construído um quarto cuja porta ficava logo atrás da porta da frente, quando alguém abria esta porta ela se entrelaçava com a do quarto e a ocultava.”<sup>22</sup> De 284 a 289, os exércitos califais neutralizaram várias revoltas carmatas. Mas com a morte do califa al

<sup>18</sup> Al-Maqrizi, *Itti'azul-hunafa bi akhbari l-a'imati l-fatimiyyina l-hulafa* [L'exhortation des fidèles par les notices des imams fatimides], I, al-Majlis al-ala lissu'un al-islamiyya, Cairo, 1996, p.1 60.

<sup>19</sup> *Ibid*, p. 37.

<sup>20</sup> Cf. Seyyed Hossein Nasr, *Ismaili Contributions to Islamic Culture*, ed. Imperial Iraniana, Academia de Filosofia, Teerã, 1977, pp. 227-265.

<sup>21</sup> De Goeje, *op. cit.*, pp. 63-64 e 67-68.

<sup>22</sup> Arib, *Silatu tarih Tabari* [Continuação da História de Tabari], Brill, Londres, 1897, pp. 9-10.

Mutaid em 289, o movimento carmata cresceu tanto que, de acordo com Tabari, em 293 o Iêmen estava quase inteiramente sob seu domínio<sup>23</sup>.

## A OPERAÇÃO QUE ACABOU COM A AMEAÇA CARMATA

No Bahrein, entre os anos de 912 e 913, Abu Tahir sucedeu a seu pai<sup>24</sup> e fez muitas conquistas. Ele pilhou Meca e Medina, roubou a pedra negra da Kaaba e impediu a posse do *hagg*<sup>25</sup> por vários anos. Uma vez que Bahrein estava sob sua autoridade, ele devastou Basra e depois Kufa. Em Kufa, os carmatas levaram vários escravos, incluindo um persa. Era um homem forte que se recusou a se submeter ao seu mestre carmata. Sua desobediência fez com que este se dirigisse ao próprio Abu Tahir para perguntar-lhe o que fazer. Abu Tahir, divertido com isso, quis falar diretamente com o persa. Tiveram uma reunião ao fim da qual Abu Tahir reconheceu o escravo como sendo o Imam oculto e jurou lealdade a ele. Abu Tahir apresentou o homem aos carmatas como o Imam que todos esperavam e ordenou que todos jurassem lealdade a ele. Então, rapidamente este misterioso persa ordenou que Abu Tahir matasse vários notáveis e generais carmatas. Todos os dias, carmatas eram assassinados por ordem do Imam. Quando o expurgo esvaziou o grupo de seus superiores, Abu Tahir começou a temer por sua própria vida. Com seus homens, assassinou o Imam, o que levou a uma guerra interna entre os defensores do Imam, as famílias das vítimas do Imam e os homens de Abu Tahir. Enfraquecidos pela autodestruição, os carmatas de Abu Tahir não representavam mais uma ameaça séria ao califado abássida<sup>26</sup>.

Como esse escravo persa convenceu Abu Tahir de que era o Imam oculto? Ele teria contado a ela sobre a localização de um tesouro de família que apenas seu falecido pai, Abu Said, sabia que existia. Assim, ele o fez acreditar que conhecia os segredos do coração e as coisas ocultas. Como esse persa sabia da existência desse tesouro? Um homem, um certo Ibn Sanbar, tê-lo-ia enviado ao acampamento carmata com este segredo, ordenando-lhe que se fizesse passar pelo Imam oculto e mandasse assassinar os homens que lhe indicasse<sup>27</sup>. Este Ibn Sanbar foi provavelmente o que citamos acima, ou seja, al Hasan ibn Sanbar, sogro de Abu Said, o falecido pai de Abu Tahir. Mas ainda é possível que seja um dos outros três citados por Ibn Sanbar.

## INTERPRETAÇÃO DA OPERAÇÃO

Dito isso, nenhuma palavra do campo lexical da inteligência é mencionada nas fontes. O que nos permite concluir que foi montada uma operação de inteligência em grande escala? Várias coisas bastante óbvias. O postulado inicial foi a superioridade de Abu Tahir, que imediatamente ameaçou Bagdá. Então, ocorre

---

<sup>23</sup> Tabari, *op. cit.*, pp. 161-62.

<sup>24</sup> Tabari diz que Abu Said começou sua missão no Bahrein por volta do ano 899 (cf. Tabari, *op.cit.*, X, p. 71).

<sup>25</sup> Peregrinação à Meca.

<sup>26</sup> Tabari, *op. cit.*, p. 344; Ibn al-Atir, *al-Kamil fi t-tarih [História completa]*, VII, *Dar al-Kitab al arabi*, Beirute, 1997, p. 76.

<sup>27</sup> *Idem.*

uma mudança repentina de situação após a intervenção de um agente estrangeiro infiltrado<sup>28</sup> no acampamento carmata fingindo ser o que não é, manipulando o líder e mandando assassinar as pessoas estrategicamente embaraçosas. A consequência da intervenção desse agente é uma guerra interna entre carmatas pró pseudo Imam oculto, pró Abu Tahir, e as famílias dos carmatas assassinados. Portanto, parece difícil não ver aqui uma operação de inteligência. Ibn Sanbar enviou um único homem a Abu Tahir sob o disfarce de escravo persa capturado em Kufa. Este agente foi encarregado de convencer um dos mais eminentes líderes carmatas, o que não é pouca coisa. Ele, portanto, tinha que saber convencer, manipular e desempenhar plenamente o seu papel de Imam oculto. Manter esse papel ao longo do tempo não foi fácil, sabendo que ele tinha que essencialmente assassinar carmatas notáveis e influentes. Inquestionavelmente, a infiltração desse agente foi um sucesso, pois conseguiu que a grande maioria dos “oficiais graduados” carmatas fosse assassinada a ponto de Abu Tahir temer por sua vida, pois, além de seus irmãos e dele próprio, não escapou muita gente. Este agente certamente sabia que sua missão não tinha retorno. Sobreviver a tal operação teria sido uma façanha.

O que mais sabemos sobre esse agente? Arib<sup>29</sup> o chama de Zakari al Hurasani; Tabari<sup>30</sup> e Ibn al Atir<sup>31</sup> o chamam de al-Asbahani; Biruni, citado por De Goeje<sup>32</sup>, o chama de Ibn abi Zakariya at-Tammami. Deve-se notar aqui que no início da missão de Abu Said, ele mandou matar outro missionário altamente valioso dos Banu Sanbar: Abu Zakariya<sup>33</sup>. Supor que esse agente persa era filho de Abu Zakariya não é muito difícil. Ele provavelmente era um escravo de Ibn Sanbar ou um agente leal. Ele certamente não era um ismaelita convicto ou mesmo alguém versado na religião sunita, como aquele que o enviou. A natureza de sua cobertura permite entender isso. De fato, seu *modus operandi* dificilmente pode ser atribuído a uma autoridade sunita. Não que fosse impossível para um sunita quebrar as leis religiosas, mas sim porque em termos de comunicação teria sido um erro grosseiro. É certo que a inteligência dos muçulmanos sunitas da época não brilhava necessariamente pelos escrúpulos religiosos, mas não deixa de ser uma aberração por parte dos abássidas usar tal método que arriscava levar à apostasia do patrocinador da missão, bem como de seu executante. Alguém poderia dizer que, para circunstâncias excepcionais, medidas excepcionais. Certamente, mas ainda assim é mais provável e mais consistente com o conteúdo das fontes que seja uma operação patrocinada por um ex-carmata ou por um carmata pouco convencido.

---

<sup>28</sup> Houve uma dupla infiltração: primeiro uma infiltração em Kufa, para ser levado como escravo, depois a do quartel-general carmata.

<sup>29</sup> Arib, *op. cit.*, pp. 162-163.

<sup>30</sup> Tabari, *op. cit.*, XI, p. 344.

<sup>31</sup> *Idem.*

<sup>32</sup> De Goeje, *op. cit.*, p. 131.

<sup>33</sup> Al-Maqrizi, *op. cit.*, p. 160.

De acordo com a lei islâmica sunita, qualquer um que faça acreditar na descrença (*kufr*), que a encoraje ou que a ordene torna-se um descrente<sup>34</sup>. Agora, esse agente persa era culpado de pelo menos dois tipos de *kufr*: tornar lícito o que a Lei proíbe<sup>35</sup> e reivindicar onisciência<sup>36</sup>. As fontes consultadas são, em princípio, todas anticarmatas, de modo que os exageros sobre sua ideologia – especialmente as acusações de ateísmo – dificilmente podem ser levados em consideração por um historiador. Mas esses dois atos citados por contemporâneos da operação parecem ser verdadeiros e foi isso que permitiu que o agente cumprisse sua missão. Legalmente, um sunita, seja ou não agente de inteligência, não pode justificar a personificação do Imam oculto e conclamar as pessoas a obedecê-lo e persistir em uma religião considerada herética pelos sunitas. Da mesma forma, um ismaelita convicto não ousaria se passar por Imam oculto e conclamar as pessoas a obedecê-lo. É verdade que várias pessoas anteriormente se apresentaram como o Mahdi ou o Imam oculto, como Ubaydallah. No entanto, a reivindicação do agente não parecia ter como objetivo atrair pessoas para sua causa ou servir a qualquer outro propósito que não fosse neutralizar Abu Tahir. Seus motivos e ações eram completamente diferentes dos do primeiro governante fatímida. Assim, o chefe da operação e o agente não poderiam ser sunitas educados e observadores, nem ismaelitas convictos.

A própria forma como o agente abordou Abu Tahir indica vasta experiência em infiltração e planejamento meticuloso da operação de antemão. Ibn Sanbar deve ter treinado seu agente sobre como os carmatas operavam. Estes entravam na cidade, massacravam, saqueavam o que podiam, depois levam consigo os vencidos aptos para o trabalho. O agente persa, cujas qualidades físicas lhe permitiam sobreviver a um ataque carmata, tinha como primeiro objetivo estar entre os homens reduzidos à escravidão. Feito isso, ele deveria conseguir uma entrevista com o chefe do Qarmat. Certamente ciente do fato de que os assassinatos foram executados apenas por ordem de Abu Tahir, o agente, improvisando ou por ordem de quem o havia enviado, jogou a carta do escravo rebelde. O objetivo era levar seu novo mestre a não saber mais o que fazer com ele e recorrer ao chefe carmata. Alcançada esta primeira etapa, era necessário convencer Abu Tahir de sua “lenda”. Suspeitamos que os muitos segredos revelados por Ibn Sanbar a seu agente diziam respeito a muito mais do que a localização dos tesouros de Abu Said, o pai de Abu Tahir. A conversa que ocorreu entre os dois homens terminou com o juramento de fidelidade do chefe carmata ao nosso escravo.

Não podemos acreditar que Abu Tahir, um general experiente, acostumado à inteligência<sup>37</sup>, fosse um homem facilmente manipulável. Ele deve ter sido convencido pelos muitos segredos revelados pelo agente. Uma vez alcançado este

---

<sup>34</sup> Voir Nawawi, *Rawdatu t-talibin [Manual de jurisprudência salafita]*, X, al-Maktab al-Islami, Beirute/Damas, 1991, pp. 64-65; Mulla Ali al-Qari, *Minahu l-rawdi l-azhari fi sarh fiqhu l-akbar [Comentário sobre o tratado de crença atribuído ao Imam Aba Hanifa]*, Dar al-basair al-islamiyyah, Beirute, 1998, p. 483.

<sup>35</sup> *Idem*; Ibn Abidin, *Rad al-muhtar ala d-dari l-Muhtar [Manual de jurisprudência hanafita]*, IV, Dar al-fikr, Beirute, 1992, p. 221; Muhammad Ilaych, *Manhu l-galil sarh muhtasaru l-Halil [Comentário sobre o Compêndio de Jurisprudência malaquita por al Halil]*, IX, Dar al-fikr, Beirute, 1989, p. 210; Mulla Ali al-Qari, *op. cit.*, p. 485.

<sup>36</sup> Mulla Ali al-Qari, *op. cit.*, p. 372.

<sup>37</sup> Cf. Arib, *op. cit.*, p. 111.



segundo estágio da operação, ele deveria iniciar a última fase, a da supressão dos alvos de Ibn Sanbar. Novamente, para fazer isso, ele deve estar familiarizado com a maneira de agir carmata para não levantar suspeitas. Assassinar todos os seus alvos levaria tempo, e o agente não podia se dar ao luxo de fazer qualquer abordagem. Ele, portanto, teve que agir de acordo com o que os carmatas esperavam do Imam oculto. Assim, justificou o assassinato dos indivíduos visados pela insinceridade religiosa que detectou em seus corações. O agente conseguiu então eliminar um grande número deles sem ser perturbado; mas não poderia durar muito. O laço estava se apertando em torno de Abu Tahir, fazendo-o temer por sua própria vida e questionar a legitimidade desse novo Imam. Mas a morte deste causou ainda mais vítimas entre os carmatas, pois eles se enfrentaram por causa dele. Ainda não está claro se a morte do agente também fazia parte da missão. Independentemente disso, a operação que começou com o agente se infiltrando como escravo e depois como Imam oculto resultou em um número significativo de mortes direcionadas. Consideramos que elas visavam apenas carmatas de influência e posições mais altas. A questão agora é quem está por trás dessa operação.

## ORIGEM DA OPERAÇÃO

Para tentar descobrir quem está por trás dessa operação, podemos perguntar quem se beneficia com o crime. Sem hesitação seriam os abássidas. Seria coincidência demais esta operação ocorrer quando o desesperado califa al Muqtadir está barricado em seu próprio palácio, sem que ele seja o instigador. De fato, ele já havia, em inúmeras ocasiões, tentado neutralizar a ameaça carmata, mas em vão. Al Muqtadir convocou alguns de seus generais turcos, solicitou vários de seus exércitos, mas nenhum deles foi eficaz. Abu Tahir estava quase nos portões de Bagdá quando tomou Kufa. No entanto, mesmo que a intervenção da Pérsia tenha sido benéfica para o califa, permanece improvável, como já dissemos acima, que uma autoridade sunita ordenasse a seu agente que se fizesse passar falsamente por Imam oculto ou parceiro de Deus na onisciência. Por outro lado, do lado fatímida, temos o exemplo de Ubaydallah al Mahdi que não hesitou em se fazer passar por Imam oculto. E a história mostrou que esse governante fatímida não hesitou em suprimir seus rivais, mesmo os ismaelitas, ou aqueles que ele considerava problemáticos. De acordo com as fontes, embora oficialmente Ubaydallah condenasse veementemente as ações dos carmatas de Abu Tahir, ele os apoiou secretamente porque serviam a seus interesses. Com base nos relatos de Ibn Hawqal, Nasir Khusraw, Ibn al Jawzi e outros, De Goeje chega a dizer que os carmatas eram guiados por Ubaydallah<sup>38</sup>. O soberano fatímida, portanto, não tinha interesse em deter o avanço dos carmatas, que ele próprio liderava, e menos ainda em inventar um Imam oculto concorrente.

Existe uma terceira possibilidade. Esta operação poderia muito bem ter sido guiada por um veterano carmata, necessariamente próximo de Abu Said ou alguém que, para obter o favor do califa abássida, teria posto um fim à ameaça que Abu Tahir e seu exército representavam. Esta é a possibilidade para a qual mais

---

<sup>38</sup> De Goeje, *op. cit.*, pp. 81-82.

nos inclinamos. Ubaydallah não tinha interesse nesta operação, mesmo que pudesse se livrar de Abu Tahir, o que equivaleria a inventar um competidor no imanato e desacreditar o *status* que ele havia dado a si mesmo. Esta terceira possibilidade é inteiramente consistente com relatos de várias fontes<sup>39</sup>.

De Goeje considera improvável que o instigador da missão do agente persa tenha sido Ibn Sanbar, pois os Banu Sanbar continuariam a serem leais à causa carmata e filho de al Hasan ibn Sanbar seria mesmo um dos mais envolvidos e convencidos<sup>40</sup>. No entanto, o que envolve o pai não envolve necessariamente o filho. Não podemos ignorar o provável envolvimento de al Hasan Ibn Sanbar neste caso. Quantos pais se opuseram radicalmente a seus próprios filhos? Abdulwahhab, o pai de Muhammad ibn Abdulwahhab (fundador homônimo do wahabismo) é um exemplo entre outros. Ele advertiu publicamente as pessoas contra a heresia de seu filho Muhammad <sup>41</sup>. No nosso caso, Ibn Sanbar, possivelmente convertido ao sunismo e sem esperança de influenciar seu filho, provavelmente agiu unilateralmente. Outra possibilidade: Ibn Sanbar, ao saber do ocorrido com Hamdan, teria ficado desapontado e, sem necessariamente se converter ao sunismo, teria visto ali a oportunidade perfeita para obter os favores do califa. E que melhor forma de provar sua sinceridade do que traindo sua antiga causa? Em qualquer caso, o *status* de Ibn Sanbar torna inteiramente crível que ele soubesse tantas informações secretas sobre seu genro Abu Said e soubesse exatamente como lidar com isso.

Além dos abássidas, quem mais poderia ter interesse nessa operação? Uma vingança pessoal de Ibn Sanbar? Isso continua sendo possível, pois ele enviou apenas um homem e essa missão não exigiu muito esforço. Mas um carmata convicto não teria ousado essa farsa.

O que nos parece mais provável é que Ibn Sanbar, tendo acabado de se converter sem ter se dado ao trabalho de se educar religiosamente, simplesmente quis servir a seus próprios interesses enquanto servia aos do califa. Esta operação, portanto, tinha que ser preparada no interesse dos abássidas, mas conduzida unilateralmente por Ibn Sanbar. E não é de surpreender que ele tenha invocado sua própria rede de inteligência. O próprio Abu Tahir tinha seus agentes no Iraque, Bagdá e Kufa, bem como no exército do califa! As informações chegaram a ele de forma relativamente rápida por meio de pombos-correios<sup>42</sup>.

\*\*\*

A presença de terminologia de inteligência nas fontes não é uma condição *sine qua non* para detectar atividades de busca de informações ou para concluir que a

---

<sup>39</sup> Tabari, *op. cit.*, XI, p. 344-345; Arib, *op. cit.*, pp. 162-163.

<sup>40</sup> De Goeje, *op. Cit.*, p. 134; Ibn Hawqal, *Masalik wa mamalik [O Livro das Estradas e Reinos]*, Brill, Leiden, 1872, p. 108; Tabari, *op. cit.*, XI, p.345.

<sup>41</sup> Muhammad ibn Abdullah ibn Humayd al-Nagdi, *as-Suhuub l-wabilah ala daraihi l-hanabilah [Biografias de estudiosos nanbalitas]*, ed. Maktabatu l-imam Ahmad, Beirute, 1996, pp. 275-76.

<sup>42</sup> Arib relata que no ano de 311, quando Abu Tahir entrou em Basra, ele já sabia que o califa havia substituído o vizir, o que foi uma vantagem para os carmatas. Esta notícia chegou a ele diretamente de Bagdá por meio de pombos-correios (cf. Arib, p. 111).

inteligência interveio. O que é necessário para o pesquisador, entretanto, é saber reconhecer tais atividades. Para fazer isso, tem que estar familiarizado com a inteligência. Porém, antes de conseguir dominar os fundamentos dessa profissão e seus princípios, o pesquisador neófito poderia ser auxiliado pelo desenvolvimento de um método que lhe permitisse confirmar ou refutar o uso da inteligência. Esse método poderia ser um conjunto de perguntas a serem respondidas pelo historiador. Dependendo das respostas, ele poderia então concluir que a inteligência estava envolvida – ou não – mesmo que as fontes não mencionem explicitamente o uso dessa prática. Essas perguntas devem necessariamente ser feitas por especialistas em inteligência mais experientes do que por historiadores da área. Algumas perguntas poderiam ser, por exemplo: em determinado acampamento, houve intervenção de um agente externo? Este agente impôs uma decisão à pessoa ou pessoas que ele infiltrou? Ele matou ou mandou matar pessoas do grupo? Ele tem algum vínculo com um ou mais inimigos do acampamento infiltrado? Ele interveio em momento estratégico? O resultado de sua intervenção desfavorece o acampamento infiltrado? Ele é a favor de seu inimigo? Ou um aliado concorrente? Etc. Este método, que pretende lançar luz sobre o que as fontes não dizem, poderia facilitar consideravelmente as pesquisas dedicadas à história da inteligência.

A conclusão tirada de suas respostas, mesmo que não seja categórica em todos os casos, lançaria um pouco mais de luz sobre o desenrolar de vários eventos históricos. Assim, o historiador pode, apesar da ausência de referências explícitas nas fontes, inclinar-se para a intervenção da inteligência ou, pelo contrário, a eliminar a pista.

*Este texto é a versão traduzida, revisada e corrigida do artigo original escrito em árabe sob direção do professor Abdelilah Benmlih, publicado na revista marroquina Al Istihlal (Charifa Amharar, "Tamyizu l-ansitati l-'istihbariyyati fi l-'ahdati at-tarihiyyah", Al Istihlal 37, Fez, 2023, pp. 51-66).*

Publicado no [Cf2R](#).

---

**\*Charifa Amharar** é doutorando em História da Inteligência na Universidade Sidi Mohamed Ben Abdellah em Fez, Marrocos. Foi vencedor do prêmio Cf2R "Young Researcher" 2010 e colaborador do livro "Intelligence and espionage during Antiquity and the Middle Ages".

---